

O ensino virtual em tempos de pandemia e os doze sentidos humanos

Paula Franciulli¹

Resumo

O excesso de atividades online foi uma das maiores mudanças para a maioria das pessoas desde o início da pandemia do Covid-19, alterando significativamente a forma de experienciar o mundo e a si mesmo. Este artigo visa refletir sobre os possíveis impactos dessas atividades na constituição humana segundo a ciência antroposófica, tomando como base o conceito teórico dos doze sentidos. Partindo da premissa de que muitos dos estímulos aos quais estávamos habituados não atuam mais como parte do repertório diário de percepções, podemos afirmar estamos diante a uma limitação de sentidos. A privação de estímulos e até mesmo certos excessos, podem alterar nossa relação com o tempo-espço, gerando um impacto em nossa corporalidade e conseqüentemente influenciam outros níveis de percepções que, para a antroposofia, estão intrinsecamente relacionados às forças impulsionadoras do pensar, sentir e do querer. Longe de argumentar contra as ferramentas virtuais da modernidade, o objetivo dessa discussão sugere uma autoavaliação do nosso nível de exposição virtual e resgata a importância do equilíbrio dos doze sentidos para a manutenção de um organismo saudável.

Palavras chave: doze sentidos, percepções, ensino virtual

Abstract

The amount of time we have been in online activities has increased since the pandemic was declared and it has changed the way we experience the world and ourselves. This paper aims to reflect upon the impacts of those virtual activities on the human constitution taking the anthroposophical view of the twelve senses. If we start by saying that most of the perceptive senses we were used to have are no longer part of our day to day life, we can state a situation now where some senses are lacking. In other hand, other ones have been emphasized. Both, the lack and the excess of some perception can change significantly the way we relate to space and time and could bring some impacts to our corporality in which could influence other perceptive senses as anthroposophy says, are strictly connected to the forces of the thinking, feeling and will. The aim here is not to develop an argument against the virtual tools but to suggest an observation of our own way to access them, in order to bring back the concept given by anthroposophy when we consider the balance of the twelve senses to keep a healthy constitution.

Key words: twelve senses, perception, e-learning.

¹ Mestre em psicologia pela Universidade de São Paulo, psicóloga clínica e professora do curso de pedagogia na Faculdade Rudolf Steiner em São Paulo.

Introdução

Vivemos em tempos de pandemia. O ano de 2020 passa por nós de uma forma muito diferente daquela com que estávamos acostumados. No âmbito físico, espacial e temporal. A partir de um olhar macro, iremos desenvolver nossa reflexão acerca das alterações no ser humano, em seu microcosmo, seu mundo individual.

Fomos forçados a fazer uma transição de hábitos como por exemplo: privações de espaço, começando pelo isolamento em nossos lares, restringindo nossos movimentos, passos e deslocamentos. O que antes era fora, amplo e repleto de atividades no mundo externo, cessou; diminuindo drasticamente nossa possibilidade de agir. A diminuição do fluxo de atividades mudou também a forma de nos relacionarmos com o tempo. Embora o tempo cronológico seja o mesmo, já notamos algumas alterações. O trajeto que eu antes fazia para ir ao trabalho, não existe. O tempo está sendo preenchido agora por trabalhos de acesso remoto, atividades domésticas e familiares, ou até mesmo, horas a mais de sono. De qualquer forma que seja, aquele tempo que ocupávamos para o deslocamento foi ocupado com outra atividade ou simplesmente com o ócio, podendo ser mais angustiante ainda.

Como não pensar no físico? O toque já não é o mesmo, o atrito. O transporte antes utilizado; carro, ônibus ou metrô. Os lugares e pessoas que eu tocava, me apoiava, esbarrava. Todos esses estímulos diminuíram. Cada indivíduo, dentro de sua condição privada, agora toca apenas os objetos de seu lar, anda pelo seu espaço de moradia, esbarra talvez com membros de sua família que antes eram mais visitantes do que íntimos; outros, em sua vida solitária, esbarram consigo mesmos. Surgem inquietações com nossa própria presença o tempo todo no mesmo espaço e tempo. O encontro consigo mesmo vinte e quatro horas por dia.

Todos esses aspectos impactaram (e ainda afetam) as decisões em como atuar em nossa história de vida. Os planos foram suspensos, alterados, frustrados. Uma nova organização foi imposta em nossa rotina, e além da alteração da forma como estamos lidando com o espaço e tempo, também mudamos na maneira de nos relacionar com nossos grupos sociais e familiares.

Já passados dez meses do ano (no momento da elaboração deste artigo), podemos observar como reorientamos nossos antigos hábitos, costumes. Olhando para os ciclos das estações, podemos começar a refletir no impacto de tais mudanças. Aqui, no hemisfério sul, logo no início da pandemia, estávamos em pleno verão, em época de carnaval, momento que sabemos o quanto nossas almas estão para o externo, as festas ao ar livre, celebrações com os blocos de carnaval e etc. Concomitantemente entramos em nosso ano letivo nas escolas e universidades. A expectativa para o início das atividades, no plano educacional, sempre marca essa época tão quente, cheia de vida e novos rumos para o ano que se inicia.

No âmbito educacional, não tivemos nem um mês de aula presencial. As escolas fecharam. O cenário era completamente incerto, não sabíamos o quanto tempo ficaríamos nas aulas virtuais. Fomos para as nossas casas, adaptamos um local, computador, e pronto; já estávamos naquele novo ambiente, olhando para a tela, tentando nos adaptar à rápida transição. A regra era clara - há uma pandemia e precisamos parar. Outros países que primeiramente foram impactados pelo COVID-19 antecipavam o que vinha pela frente.

Pensamos naquilo que nos afeta, inquieta. Conversarmos entre nós professores, discutimos com nossos alunos, com nossos familiares. Como estamos nos sentindo com esse excesso de horas no computador? Como estamos lidando com as horas despendidas para a tela do laptop, que apenas nos permite ver e escutar. Quantos “encontros” tivemos com nossos alunos, interagindo apenas com um retângulo onde, no lugar de imagens, há apenas um nome identificando quem está lá do outro lado.

Sabemos que a relação professor-aluno, assim como a interação entre os próprios alunos, foi modificada a partir do momento que migramos para o virtual. As conversas que ocorriam nos intervalos entre aulas, debates em grupos, reuniões, etc.; são agora substituídos por eventos virtuais, onde um fala e o outro responde. A dinâmica do diálogo agora tem outro ritmo, alterando nossa relação com a ritmo das conversas.

Essa introdução retrospectiva nos desloca para o presente, após meses de vivência com a pandemia, tornando-nos capazes de refletir sobre os possíveis impactos - e porque não falar em danos - na utilização de recursos virtuais no processo educativo que envolve o tanto o ensino quanto aprendizagem.

Olharemos para um breve histórico do surgimento das tecnologias na educação para chegarmos ao debate sobre o uso destes recursos na educação, principalmente em tempos de pandemia, segundo a visão antroposófica dos doze sentidos.

A tecnologia no processo ensino-aprendizagem torna-se necessária - o vilão torna-se aliado

Impossível negar os benefícios que os avanços tecnológicos trouxeram para a educação se pensarmos na possibilidade de aproximação entre grupos de pessoas residentes em locais tão longínquos dos centros culturais educacionais.

Pensando num curso à distância por exemplo, numa mesma sala de aula podemos ter simultaneamente alunos de várias regiões do país e do mundo. Outro aspecto diz respeito à velocidade com a qual temos acesso as informações e a comunicação. Podemos citar como exemplos, a praticidade ao consultar um artigo, baixar um livro, lermos jornais online, a rapidez com qual recebemos uma resposta por e-mail e a instantaneidade das mensagens que trocamos pelo Whatsapp. Obviamente que a utilização de tais recursos ainda esbarra em entraves políticos e econômicos como a não gratuidade à internet e a precária infraestrutura em algumas regiões, impossibilitando que todos tenham a mesma oportunidade de usufruir de uma boa conexão e um bom funcionamento de seus aparatos tecnológicos.

Os benefícios da tecnologia digital são claramente visíveis em tempos de Covid-19 e percebemos o quanto recorreremos aos meios virtuais para continuarmos nossas atividades durante a quarentena. Com a interrupção das aulas presenciais, fomos levados aos mais modernos recursos online para continuarmos o ano letivo. Difícil imaginar como faríamos, sem a tecnologia do *Zoom*, do *Google sala de aula*, *Teams*, etc. Sabemos que esse processo de modernização tecnológica ocorreu como uma avalanche nos últimos vinte anos, com o avanço e acesso global da internet e também somos testemunhas dos debates acalorados acerca da utilização de recursos online no ensino com diversas controvérsias entre especialistas nas áreas de educação, saúde, comunicação, tecnologia, economia, etc.

Mas como chegamos nas aulas virtuais? Ao falarmos em educação, precisamos olhar rapidamente para os aspectos históricos do ensino à distância antes do COVID-19 para em seguida partirmos para a discussão mais aprofundada deste artigo.

Há tempos que ocorrem debates sobre o uso de tecnologias na área na educação. Nos últimos anos, com o avanço e facilidade do acesso dessas tecnologias fomos incorporando tais meios como ferramentas de estudo e trabalho. Desde uma simples pesquisa na internet, preparação de aulas, publicação de textos, até o ensino à distância, o EaD. Não há dúvida que tal recurso, como conhecemos hoje, existe para superarmos os limites do tempo e espaço. - “Não tenho tempo de ir até a escola, faculdade ou instituto”. Esse ainda é o argumento mais comum quando questionamos os motivos que levam uma pessoa escolher a modalidade de curso online. Alguns cursos permitem, inclusive, que o próprio aluno escolha o horário que vai estudar bem como por quanto tempo ficará logado.

Ao olharmos para o passado, o ensino a distância era chamado de curso por correspondência. Temos registros a partir de 1909 aqui no Brasil de Materiais impressos eram postados para os alunos via correios, tivemos cursos de alfabetização, supletivo, cursos profissionalizantes. Tais cursos representavam um recurso para superação de deficiências, qualificação profissional e atualização de algum tema. Além do ensino por correspondência, existiam cursos por meio de rádio e TV, que aceleram a oferta partir da década de 40, com a popularização desses eletrodomésticos.

Foi a partir de 1978 que os cursos à distância ganham mais sofisticação. Fitas de vídeo foram utilizadas para gravação de aulas, canais de televisão se especializam em programas educativos – Telecurso 2o grau – e ainda são considerados um complemento, um recurso para solucionar o problema educacional brasileiro (Souza, 2017).

É possível enxergar a evolução da educação à distância, quando fazemos essa busca histórica. A chegada da internet, sem dúvida, sua popularização global a partir de 1990, alterou radicalmente o ensino à distância, permitindo novos meios -das fitas de vídeos fomos para os cd's, e destes, para as aulas em

tempo real através do computador- e aqui nos encontramos, com cursos cem por cento a distância, bem como a ampliação de modalidades; de cursos complementares passamos a ter cursos de graduação e pós-graduação. Aqui no Brasil, em 1996, foi criada pelo MEC — o Ministério da Educação — a Secretaria de Educação a Distância, SEED com a finalidade de regular, supervisionar e avaliar as instituições provedores desse tipo de curso.

Assim, mais debates e pesquisas foram ampliando nossas reflexões acerca dos benefícios e falhas, do uso de tal modalidade. Vimos surgir algumas críticas por parte de especialistas em educação, pedagogos, psicólogos escolares, e outros profissionais da área do desenvolvimento humano, como a inquietante discussão sobre a não equivalência das experiências reais e as virtuais. Outro debate que se coloca sobre o EaD é sobre o conteúdo e como ele é utilizado. Aqui, a temática abrange as áreas da semiótica, das ciências sociais e até da filosofia. Tocamos na seara do conhecimento, da informação, das relações de troca entre os indivíduos. O que ocorre numa aula virtual? Estamos apenas informando os alunos ou formando-os? Todas essas questões são de extrema importância quando trazemos à baila o que esperamos da Educação.

A antropóloga argentina e professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, Paula Sibilia, discute amplamente o uso das redes e seu impacto na educação. Trazendo o conceito de sociedade disciplinar de Foucault como uma estratégia de aprisionamento dos corpos para a aplicação do poder e controle, tão comum empregados em instituições como escolas, fábricas e prisões, a pesquisadora traz uma compreensão do uso de tecnologias que vai além do simples fascínio pela novidade e conforto tão atraente dos aparatos tecnológicos. As motivações também estão profundamente arraigadas em aspectos histórico-culturais, que, segundo Sibilia (ao citar Foucault), teve seu arauto no ano 1968 como forma de rebeldia e tentativa de libertação das amarras disciplinares. Dando um salto no tempo para os anos 2000 até o momento, a derrubada dos muros acontece com a conexão à internet. Crianças e jovens rompem as regras escolares, acessam seus celulares a todo momento, vão para fora da sala de aula e desbravam o mundo à sua maneira, travando conflitos com os adultos que supostamente os guariam ao conhecimento (Sibilia, 2020). Na era da conexão em rede,

impossível ganhar a batalha impondo restrições à sua utilização no ensino, afinal, mais cedo ou mais tarde essas tecnologias baterão em nossas portas e podem se tornar ferramentas aliadas na relação escola-aluno.

Há um risco, todavia, de que a utilização das tecnologias digitais em excesso, possam apartar o sujeito das relações sociais. O usuário entra na rede, absorve toneladas de informação, conecta-se com o mundo. Envia uma mensagem a um amigo que está na china, e este, instantaneamente, responde. É fascinante, principalmente para aqueles que nasceram antes dos anos 2000. O contato à distância, era demorado. Demorava dias para recebermos uma resposta em papel. Mas então, se a tecnologia virtual denota aproximação entre pessoas por que há o risco nas relações, como apontado no início do parágrafo? Esse é o paradoxo. O sujeito fragmenta-se de sua convivência na ágora. Como traz Sibilia (2020 p.35) “há o risco de que os aparelhos se convertam num novo e poderoso agente de dispersão ou de fuga do confinamento”. Nesse espaço virtual das aulas, o que se constrói é uma nova subjetividade das relações de troca e compartilhamento, a qual devemos nos aprofundar e aprender, para criarmos novos contratos e vínculos entre nós.

O filósofo contemporâneo Byung-Chul Han também nos convida a pensar sobre as relações sociais e os espaços virtuais. Em seu livro *No enxame: perspectivas do digital (2018)*, ele aponta para a diferença dos movimentos de massa e os movimentos que ele chama de enxame digital. Os homens integrantes dos movimentos de massa, são aqueles que fazem parte de um nós, de uma voz comum e eles preservam sua privacidade. São aqueles que formam sindicatos, um grupo dirigido a uma ação comum. São dotados de vontade que resulta em ação. Já o enxame digital, aparece como vozes isoladas com perfil individual e são barulhentos, conclamam algo rapidamente e saem. Não há um reunir-se, mas sim um aglomerado, sem alma e sem espírito. São efêmeros, instáveis.

Algo aqui nos inquieta em relação as salas de aula virtuais. Como promovemos a participação dos alunos em nossas aulas? Temos como evitar o padrão “enxame” colocado por Byung-Chul Han? Acredito que sim, as vozes das salas de aula podem, através de um vínculo de grupo - ainda que virtualmente – permanecerem com sua qualidade de coletivo para um mesmo propósito, o

aprender, o compartilhar e o ensinar. As salas de aula virtuais não realizam encontros tão propensos a dissolução, como os encontros ocasionais de uma Live, por exemplo. O ano letivo, o tempo de duração do curso, funciona como um elo necessário a manutenção da força do coletivo. Outro aspecto necessário que também pode atuar como manutenção desse grupo vivo e operante é, como veremos a seguir, a forma atuante do professor. A antroposofia, com a pedagogia Waldorf, tem muito a contribuir nesse debate.

As aulas virtuais e o afastamento dos sentidos - resgatando as percepções

Na pedagogia Waldorf, há tempos se discute a influência dos meios de comunicação eletrônicos e digitais na formação dos alunos; bem como o uso de recursos tecnológicos (áudio/visuais) durante as aulas. Muitas vezes vista como uma decisão retrógrada, a utilização de tais aparatos não é muito incentivada, dando-se preferência ao uso do quadro-negro (principalmente nos anos iniciais) com desenhos realizados pelo próprio professor, assim, o carácter único da vivência interna do educador sobre o conteúdo ensinado, é repleto de personalidade e conseqüentemente transmitido ao aluno. Na visão de Rudolf Lanz (2000), para a formação do indivíduo harmonioso e saudável, é visado desenvolver, em grau de igualdade, tanto os aspectos intelectuais, sentimentais e aqueles relacionados a vontade do indivíduo. Além disso, deseja-se formar jovens interessados pelo seu mundo externo, isto é, seres preocupados em assumir uma responsabilidade social. Para tal, toda a pedagogia Waldorf é permeada por atividades e métodos que estimulam a fantasia e a criatividade, proporcionando uma ampla visão de valores que circundam os ideais do Bom, do *Belo* e do *Verdadeiro*. O papel do professor durante as aulas, será o de transmitir os conceitos e desenvolver em seus alunos a capacidade imaginativa. Para tal, faz-se necessário a presença sempre viva, presente e individual. Daí a importância do modo como o educador transmite a sua personalidade. O educador, deve atuar com entusiasmo, assim como acontece com um artista, quando está repleto de inspiração e envolvido com sua obra de arte (Steiner,1924).

Fazendo essa introdução, pode-se pensar no professor como o portador do mundo externo, o mensageiro do conhecimento. A sua forma de transmitir os conceitos, é captada pelos alunos, assim, toda a absorção e construção do conhecimento ocorre por meio da percepção pelos sentidos. “...é com os sentidos que o ser humano se ambienta no mundo...” (Lanz, 2000 p. 150).

Ao adentrarmos nessa seara, dos sentidos humanos, encontramos desde Aristóteles (384 a.C.– 322 a.C.) a constatação da existência dos cinco sentidos: visão, paladar, olfato, tato, audição. Outros sentidos foram adicionados no curso da história com o surgimento de novas áreas do conhecimento científico como na Medicina (Pediatria e Neurologia), Psicologia (Desenvolvimento e Percepção), Terapia Ocupacional (integração sensorial), Fisioterapia, e por fim, na Neurociência; não havendo um consenso entre especialistas, entretanto, na maior parte da literatura, encontramos em nossa época, além daqueles cinco sentidos, os sistemas sensoriais vestibular (equilíbrio), o proprioceptivo e o vital. O sentido do equilíbrio, de forma bem resumida, é aquele que fornece a percepção do nosso corpo com o ambiente externo. Como estamos colocados em relação a um plano espacial (frente/trás; direita/esquerda; em cima/embaixo). Já o vital, é aquele que nos mostra quando algo não está bem, sensações de mal estar, sono, dores no corpo etc. O sentido proprioceptivo está relacionado a consciência corpórea dos músculos e dos órgãos do nosso corpo, Muitas vezes esse termo também traz a noção de consciência de movimento e equilíbrio.

Rudolf Steiner vai além. Em sua cosmovisão, a Antroposofia, ele considera doze formas diferentes de experimentar os sentidos. Os sentidos são considerados como “fontes”, uma espécie de alimentação para nossos pensamentos, ações, sentimentos e percepções, de forma que nossas experiências sensoriais influenciam notoriamente a consciência. O ser humano vive absorvendo essas fontes, ou alimentação, para encontrar as necessidades para sua vida anímica. Os doze sentidos são: tato, vital, movimento, equilíbrio, olfato, paladar, visão, térmico, audição, pensamento, linguagem e o Eu. Ao considerar tais sentidos como fundamentais ao desenvolvimento saudável do homem, a Antroposofia mergulha em cada atividade perceptual e relaciona-as com os quatro corpos constitutivos do homem (físico, etérico, anímico e o Eu) e também com aquilo que Steiner chamou de os sete processos vitais:

respiração, aquecimento, alimentação, segregação, manutenção, crescimento e reprodução. A dinâmica dos sentidos atua não apenas com o desenvolvimento das funções fisiológicas do organismo, mas influenciam no desenvolvimento do carácter, as atitudes do ser humano na vida, como veremos a seguir.

Albert Soesman em seu livro *Our twelve senses*, traz esses sentidos como alimentos para uma consciência saudável, e os apresenta também como aspectos que podem influenciar no campo da moral. Desde modo, essa reflexão, traz um olhar para os sentidos, que vai além dos aspectos fisiológicos das ciências biológicas. Ao longo da história, podemos perceber a influência dos sentidos no comportamento humano. As percepções do nosso corpo, sensações de prazer e desprazer, foram balizadores dos nossos hábitos e atitudes. Vemos na Psicologia, em suas diversas teorias do desenvolvimento - como em Piaget e em Freud, por exemplo- uma dedicação ao entendimento dos sentidos como aspectos de grande relevância ao desenvolvimento humano. Se adentrarmos na esfera religiosa, rituais de purificação, batalhas contra hábitos considerados viciosos ou mesmo um apego aos prazeres deste mundo, foram e ainda são temas de nossa cultura. Atualmente, um pouco distante do carácter religioso, tais excessos podem ser observados quando evocamos o consumismo, por exemplo. A busca insaciável por experiências sensoriais que, longe de ser uma ação saudável passa a nos deixar dependentes; perdemos a noção de diferenciar entre o que é necessário e aquilo que seria demasiado. Tais excessos podem levar a distúrbios psíquicos e sociais, pois aliena a consciência humana da verdadeira função da percepção saudável de todos os sentidos e seu equilíbrio; função esta que seria permitir ao homem tomar posse de sua corporalidade (Soesman,1990).

A temática dos sentidos e como estamos nos relacionando com eles durante o período de isolamento social é uma reflexão que se faz necessária, principalmente pela diminuição percepções sensoriais das quais estávamos acostumados em nosso dia a dia e conseqüentemente o aumento do uso de tecnologias para realizarmos nossas tarefas assim como encontros entre pessoas. Não cumprimentamos nem tocamos mais as pessoas como antes, aliás, fazemos o oposto, mantendo certa distância. Somos mais breves nas falas, que aliás, ficam abafadas com o uso das máscaras. Nossa orientação espacial

mudou, estreitou. Em relação ao tempo também notamos diferenças. Para algumas pessoas, a percepção é a de que ele expandiu, permitindo um resgate à convivência familiar e/ou com elas mesmas; para outras, o tempo é curto, pois as tarefas profissionais e pessoais se mesclam num mesmo espaço, dificultando a separação entre o público e o privado.

Remetendo-nos ao conceito dos doze sentidos explicado por Steiner, sabemos que ele agrupou os sentidos mais internos: tato, vital, movimento, equilíbrio, paladar e olfato e os mais externos (que tendem a nos levar para o mundo fora de nós): visão, térmico, audição, linguagem e pensamento e Eu. O primeiro grupo, estamos envolvidos com as percepções do nosso corpo físico, sendo os dois últimos, paladar e olfato, aqueles aos quais começamos a nos relacionar com aspectos externos. Eles operam apenas quando incorporamos certos vapores ou dissolvemos algo pelas vias orais e nasais. Estamos nesse primeiro grupo, mais apegados ao nosso corpo e segundo Soesman (1990), atuamos como “consumidores de produtos da natureza...” somos tentados a abusar desses sentidos, e aqui falamos em vícios, mas por outro lado, no âmbito saudável, utilizamos esses sentidos para conhecermos as qualidades elementares do nosso corpo em relação a elementos terrenos. Adquirimos a consciência a respeito de peso, movimento, solidez, liquidez, aspereza, maciez, etc. A respeito do segundo grupo, eles nos apontam para as relações. A percepção cromática e térmica, são percebidas por nós, sempre em relação a algo (a um outro objeto ou ambiente). Na audição, entramos na esfera do entendimento do que há no interior daquilo que nos rodeia. Sabemos que o objeto é feito de metal ou madeira, não apenas com a visão, mas sim ao tocarmos e batermos nele, escutando seu som. A audição é vista pela antroposofia como um sentido especialmente importante nos relacionamentos humanos. Os sons, revelam algo do estado interior do outro. A dinâmica dos sentidos é tratada por Steiner de modo a compreender os sentidos como complementares uns aos outros. Nunca atuam sozinhos. Podemos compreendê-los além dos dois grupos citados anteriormente como sentidos internos e externos, numa relação de agrupamento em três qualidades principais: vontade, sentimento e espiritual; conforme indica Soesman (1990):

Quatro sentidos da vontade (tato, vital, movimento, equilíbrio),

Quatro sentidos do sentimento (olfato, paladar, visão e térmico) e

Quatro sentidos espirituais (audição, linguagem, pensamento e Eu)

Sendo assim, para a Antroposofia, os sentidos da vontade são considerados sentidos inferiores, os do sentimento como sentidos medianos e; os sentidos espirituais, como sentidos superiores.

No desenrolar do desenvolvimento humano, os doze sentidos se inter-relacionam. Os sentidos do âmbito da vontade, “funcionam” com os sentidos espirituais e são permeados pelos sentidos medianos, do sentimento. Steiner recomenda um olhar atencioso para os sentidos na educação, como se fossem alimentos que nutrem a constituição do ser humano. Na educação infantil por exemplo, a Pedagogia Waldorf orienta os docentes para que cultivem nas crianças as experiências de que o mundo é *Bom*. Atividades práticas, com materiais simples onde se aprende a qualidade das substâncias (atividades como limpar, cozinhar, montar, lavar, etc.). Atividades lúdicas que trabalhem com a corporalidade e os sentidos inferiores, são cruciais nesse momento. O vínculo com o professor (ou com o cuidador) e o que ele apresenta à criança imprime algo muito profundo no seu desenvolvimento. Daí entendemos o fenômeno da imitação, como algo muito mais complexo do que um simples ato reflexo de cópia daquilo que se vê. Já no ensino fundamental, o cultivo dos sentidos está concentrado em atividades relacionadas ao *Belo*. Aqui as artes desempenham o papel mais preponderante no período dos 7 aos 14 anos, e podemos explorar os três grupos dos sentidos. Aqueles que estão na esfera da vontade e dos sentimentos, trabalha-se nas artes plásticas; os sentidos do grupo espiritual, nas atividades teatrais que envolvem música e linguagem. Na terceira fase da educação, isto é, no ensino médio, os sentidos espirituais merecem maior atenção, embora já estimulados na fase anterior. Neste período que envolve a adolescência, ocorre um processo de percepção mais aguda, diferenciada; onde o jovem busca a *Verdade* através de experiências mediadas pelos sentidos espirituais da linguagem, do pensamento e do Eu (Soesman, 1990).

Além desse olhar atento aos sentidos durante o desenvolvimento infantil e do jovem, nos anos escolares, a antroposofia propõe uma terapia dos sentidos que deve ser continuada ao longo da vida adulta. Em termos práticos, precisamos nos alimentar do Bom do Belo e do Verdadeiro de modo que nossas atitudes

assim como nossas percepções, permaneçam num estado saudável de troca com o ambiente, com os objetos e com os outros seres humanos.

Como já iniciado o argumento no início do artigo, estamos com uma privação dos sentidos devido ao isolamento que fora recomendado. Em contrapartida, há uma super estimulação a outros estímulos. Nossos sentidos da visão e audição, sem dúvida, são os mais sobrecarregados. Podemos concluir que os demais, em falta.

Hipóteses podem ser levantadas, acerca das consequências das mudanças perceptuais no desenvolvimento infantil, onde por exemplo, as crianças não estão mais com a mesma amplitude dos estímulos como era anteriormente vivenciado na escola. Movimento restrito, menos espaço para o corpo, correr e se equilibrar. Menos percepção dos estímulos táteis com outros corpos. Lembremo-nos o quanto o sentido do tato permite que o indivíduo se perceba e desperte a autoconsciência do próprio corpo, dos limites físicos, além de vivenciar as diferentes qualidades dos objetos que toca e ainda utiliza o toque para expressar intimidade. Mas com sentido do tato, aprendemos algo mais: percebemos que estamos separados do cosmos, através de nossa corporeidade, porém aspiramos nos unir novamente a ele um dia. Traz a ideia da separação e conexão. Ao falarmos do sentido do movimento por exemplo, compreende-se a habilidade autônoma de colocar o nosso corpo em movimento, fazer deslocamentos, num sentido mais amplo, da capacidade de um indivíduo caminhar na trajetória de sua vida, traçando planos e rotas. Sobre o equilíbrio, o que sabemos é que só conseguimos mantê-lo em relação a alguma coisa, a um plano sólido do ambiente. A partir de um ponto de referência, nos orientamos para não perder o equilíbrio. Por último, o sentido vital, nos permite a percepção do funcionamento de nosso organismo, se algo está diferente em nossa vitalidade. A percepção se dormimos mal, comemos muito ou pouco, ou se estamos com dor, etc. A informação do estado interno de nosso corpo é percebida objetivamente, são sensações bem definidas.

A importância dos sentidos corporais inferiores (tato, equilíbrio, movimento e vital) a apropriação do corpo no espaço e tempo, portanto, entendemos que esses quatro sentidos corporais inferiores desempenham um papel fundamental na educação infantil. Lucinda Dias, em seu livro Problemas

da aprendizagem, explica com detalhes como a falta de estruturação dos sentidos no corpo humano podem afetar o desenvolvimento das funções cognitivas na criança. As dificuldades com a escrita, por exemplo. A escrita faz parte do mundo das formas, isto é, espaço. Qualquer alteração na experiência corpórea com o espaço pode afetar o processo de aprender a escrever. Dificuldades com a matemática e com a leitura, relaciona-se ao ritmo e movimento (Dias, 2009).

Longe de fazer uma extensa argumentação sobre todos os sentidos com suas complexas funções no organismo humano, nem apontar para todos os problemas e disfunções que seus excessos e privações possam gerar; o objetivo aqui é trazer nossa consciência sobre como os estímulos perceptuais estão impactando nosso ritmo diário. Olhar para os doze sentidos em nós. Dirigir nossa atenção à memória de como nos movimentávamos pelo mundo, antes da pandemia. Cada um de nós, fazendo sua retrospectiva, deve fazer sua ponderação sobre o que estava em excesso ou falta. Como estava em relação aos movimentos, equilíbrio, tato e vital? E em relação aos sentidos do âmbito dos sentimentos? E os espirituais? Ao fazer esse caminho de volta, também devemos olhar ao presente e fazermos as mesmas indagações.

O médico antroposófico americano, Adam Blanning - especialista em medicina familiar e desenvolvimento infantil – nos ajuda na investigação a respeito das indagações acima. Em um dos artigos que escreve em para seu blog, explora a temática da mudança experienciada globalmente pela pandemia e como os fatores externos influenciam nosso mundo interno, causando uma reorientação nos hábitos e rotinas. Ele traz cinco fatores estressores da vida, que alteram nossa percepção de bem-estar, sendo nesse momento, amplamente experienciado por nós, drasticamente. São eles: mudança de domicílio, mudança profissional, mudança de relacionamentos, doença grave e morte (Blanning, 2020).

Quantos não precisaram mudar de residência? Estudantes que residiam em grandes cidades apenas para ir a faculdade, agora regressam à casa dos pais. Pessoas que perderam o emprego, abdicaram de seus alugueis, voltaram a morar com familiares que há tempos não conviviam. O retorno à cidade natal. Enfrentamento de feridas que há tempos estavam esquecidas. Para outros, a

saudade daqueles tempos de infância, a nostalgia recuperada. E os empregos? Ah, o trabalho.... Muitas mudanças ocorreram. Desde o desemprego desesperando famílias, até o aumento e acúmulo de funções e horas na frente do computador. Laptops que eram utilizados para pequenos hobbies, como assistir vídeos, jogar, ler notícias, etc., passaram a ser objetos essenciais para a manutenção do trabalho. Reuniões diárias por plataformas online, muitas vezes sem tempo para nos familiarizarmos com as novas ferramentas, tudo de um dia para outro. O escritório entrou em nossas casas, sem pedir muita licença. As salas de aula migraram para as casas dos alunos e professores. O que era privado, passou para a esfera pública. Mesmo com alguns cuidados e zelo, vimos pelo mundo afora, cenas da vida cotidiana, íntimas. Pessoas da família que são avistadas, animais de estimação, encomendas que chegam e precisamos receber; até uma visita inesperada de um parente vizinho que aparece durante uma reunião pelo zoom para saber se estamos bem. Cenas que não escolheríamos compartilhar, de repente invadem a tela e arrancam risos, empatia e porque não falar também em vergonha e constrangimento.

Não houve outra alternativa. Fomos obrigados a nos reorientar no tempo e espaço. Laços afetivos se estreitaram, em contrapartida, alguns foram desfeitos. Conflitos familiares aumentaram, assim como os casos violência doméstica e por aí vai. Famílias aprenderam a fazer as refeições juntas, tarefas domésticas reorganizadas, e mais conflito surgiram. E o social? Reduzido, também. Aquele grupo com o qual nos encontrávamos está longe, cada um no seu lar. Amigos de estudos, trabalho, de vida; estão mais distantes. Não há o encontro para o cafezinho, do churrasco, da praia, do parque. A prática de esportes em grupo se esvaiu, as torcidas deixaram de se encontrar. As caminhadas ao redor das residências, aumentaram.

A sensação de estarmos vulneráveis à uma doença grave, nos aproxima da nossa finitude e também de nossos familiares. Alguns enfrentaram a COVID-19 no seu organismo, outros lidaram com seus parentes infectados ou ainda passaram por perdas repentinas. Sentimentos como a culpa da transmissão, a dúvida de ser assintomático e contaminar uma pessoa próxima, e por último, não menos importante, o medo de ser contaminado, tudo isso requer uma reorientação.

O doutor Blanning foi entrevistado nesta edição da Revista Jataí com a proposta de expor sob um olhar antropológico, os impactos do excesso de trabalho virtual em nossos sentidos. Ele chama a atenção, em especial aos sentidos da visão e audição, tão sobrecarregados nesse momento de conexões virtuais que são carentes de calor e outros sentidos. Estamos carentes dos sentidos corporais relacionados à vontade e também dos sentidos que imprimem qualidades anímicas, dos sentimentos. Temos uma falsa impressão que somos agentes atuantes, quando estamos interagindo virtualmente, pois percebemos algumas mudanças rápidas de imagens (assistindo um vídeo ou jogando). Outra impressão que temos ao ficarmos horas diante de um computador é que não mais precisamos de muitos esforços corpóreos para exercermos atividades. Tudo funciona apenas como o teclar, assistir e o escutar. Isto pode comprometer nossas forças do querer. Ao fazermos encontros virtuais com pessoas de locais tão distantes, caímos na armadilha de achar que estamos otimizando os encontros que antes eram muito raros de ocorrer. De fato, estamos vendo mais algumas pessoas, talvez ouvindo também. O problema reside na constatação de que não são encontros com a mesma qualidade daqueles presenciais. Desse modo, não podemos esquecer que um encontro requer receptividade e calor, onde nossos sentidos devem estar despertos e ativos ao outro. O interesse no outro demanda uma atividade intensa de nosso Eu através dos doze sentidos. Nossas ações, tão dependentes das forças volitivas, estão sendo abaladas pelas mudanças de hábitos e dos estímulos provenientes destes. A capacidade de nos sensibilizarmos moralmente pode estar enfraquecida, assim como nossa forma de exercer julgamentos. Pensando na constituição do homem segundo a antroposofia, (corpo físico, etérico, astral e Eu) vimos que todos os doze são essenciais na formação saudável do ser humano e necessitam de um “lugar” (tempo e espaço) em nossas vidas. Nossos esforços talvez possam se dirigir para evitar manifestações anímicas como a frieza, indiferença, individualismo, egoísmo e outros dragões da contemporaneidade.

A sugestão indicada por Blanning é que devemos começar uma profilaxia dos sentidos já. Quais partes de nossa capacidade de perceber o mundo não estão sendo nutridas? Devemos criar espaços saudáveis que possam trazer experiências ricas em percepções, e desta forma, nos propicie balancear nossas

forças do querer do sentir e do pensar. Com tudo isso, reformularemos nossos conceitos sobre nossa verdadeira humanidade.

Referências

Blanning, A. in: <https://denvertherapies.com/a-global-biographical-change-in-which-we-are-all-shifting-at-the-same-time/>, 2020.

Dias, L. Problemas de aprendizagem: procedimentos pedagógico-terapêuticos nas dificuldades de encarnação. 2a edição 2009 Antroposófica, São Paulo, SP.

Han, B. C. No Exame: perspectivas do digital, trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ 2018. Vozes

Lanz, R. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. Antroposófica, SP 2000

Sibilia, P. DO CONFINAMENTO À CONEXÃO: AS REDES INFILTRAM E SUBVERTEM OS MUROS ESCOLARES em: Sales, M. S. S. (org) Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2020.

Soesman, A. Our twelve senses. Stroud: Hawthorn Press, 1990.

Souza, C. F. de. Do ensino por correspondência ao My English Online: retratos do ensino de inglês a distância no Brasil. Entremeios [Revista de Estudos do Discurso, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Temática [Linguagem e Tecnologia], Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 15, p. 369-397, jul. - dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol15pagina369a397>

Steiner, R. A metodologia de ensino e as condições do educador. 4a conferência. GA308 1924, Antroposófica, SP: 2a ed 2014

Steiner, R. Os doze sentidos e os sete processos vitais 2a edição 1999 editora Antroposófica São Paulo, Sp

